

# Cresce bancada verde na Constituinte

ASSIS ANGELO

Antes era apenas um, hoje, quase um ano depois de inaugurada a Assembleia Nacional Constituinte, são 30 os deputados federais comprometidos com a causa ecológica em nosso país. "Isso quer dizer que as pessoas estão, finalmente, se conscientizando da necessidade de cuidar um pouco mais da natureza", diz o constituinte

pelo PMDB paulista Fábio Feldman. Para Fernando Gabeira, jornalista ligado ao Partido Verde e a movimentos pacifistas brasileiros e europeus, a retomada de consciência ecológica "é consequência natural da destruição do meio ambiente que se verifica ainda hoje em todo o mundo". Cláudio Noschese, presidente da Associação Brasileira de Caça, otimista, acre-

dita que "ainda há salvação para a Amazônia, por exemplo" e que "a fauna e a natureza têm de ser quantificadas economicamente". O escritor Dagomir Marquetti, jornalista do Estado (escreve no Caderno 2), depois de se autocalificar de "sonhador", descobriu que "no Brasil está acontecendo uma briga de dinossauros: o capital contra as centrais sindicais", e

que "descentralizar o poder é uma maneira ecológica de ver o mundo". Fábio Feldman, Fernando Gabeira, Cláudio Noschese e Dagomir Marquetti, reunidos numa mesa-redonda a convite do Estado, quinta-feira passada, não só opinaram sobre a questão ecológica, como ainda contribuíram com sugestões que muito bem podem ser levadas à Constituinte.

## "Não confie em quem desconfia dos poetas"

Aos poucos, parece que as pessoas estão se conscientizando da necessidade de lutar pelo verde, de defender o meio ambiente. Nesse sentido, aliás, parece também que está surgindo uma nova forma de se fazer política. O deputado Fábio Feldman poderia nos dizer algo a respeito da questão?

Fábio — De fato, acho que a questão ambiental começa a despertar atenções gerais. E isso é bom porque, no fundo, representa uma grande mudança de enfoque nas questões modernas. A questão ambiental é questão fundamental para todos nós. Em se tratando de meio ambiente, pode-se dizer que no Brasil perdemos muito nos últimos 20 anos. Pior: vamos continuar por muito tempo ainda sofrendo as consequências da destruição indiscriminada do meio ambiente. Precisamos urgentemente fazer algo para evitar o agravamento da situação.

Dagomir Marquetti — Eu sinto que está havendo um colapso do pensamento político tradicional. Sinto também que o mundo precisa, agora, de uma política melhor, ambientalista. Ou todos nos unimos em defesa da ecologia ou não chegaremos ao ano 2.000.

Mudar para sobreviver, é isso? Dagomir — Sim, precisamos mudar tudo. O jogo do poder no mundo, particularmente no Brasil, é viciado, corrupto. Isso precisa mudar. E rápido! Precisamos de uma política que resolva problemas, que facilite e não nos plore a vida. A política tradicionalista não tem resolvido nada, muito pelo contrário.

Fábio — Oxigenar a sociedade brasileira em todos os níveis, é isso o que precisamos fazer. E logo. Se não houver uma boa oxigenação, não haverá mudança nenhuma. Os "verdes", de certa forma, já estão fazendo isso em alguns países da Europa, principalmente.

Cláudio Noschese — O Partido Verde precisa "pegar" em nosso País. Precisamos de soluções, de coisas concretas. Na verdade, precisamos perseguir obstinadamente as soluções para os nossos problemas.

E você, Gabeira, como é que vê toda essa questão?

Fernando Gabeira — Eu acho que a resposta à sua pergunta não é muito complicada. O surgimento da consciência ecológica está mais ou menos ligado à degradação ecológica em todo o mundo. Estão destruindo tudo: as matas, os rios, tudo. Também vivemos o medo de uma guerra nuclear. Aliás, pela primeira vez na História, se sabe que é possível destruir o mundo inteiro pelo menos 50 ou 60 vezes. Uma loucura, não é? Estão destruindo a camada de ozônio. Como se tudo isso não bastasse, há ainda a chuva ácida no Canadá. Mas, enfim, surgiram os movimentos ecológicos e pacifistas europeus, que, agora, finalmente, conseguiram cruzar fronteiras. Então, temos: a degradação ambiental, o perigo de uma guerra nuclear e a internacionalização dos problemas. Tudo isso conduziu o mundo não só a pensar na preservação do meio ambiente, mas a pensar numa maneira nova de produzir e consumir.

Essa conscientização política em relação à preservação do meio ambiente tem avançado também na Constituinte?

Fábio — De certa forma, sim. Somos uns 30 deputados envolvidos diretamente nessa luta em defesa do meio ambiente.

Só 30?

Fábio — Somos realmente um grupo pequeno, mas aos poucos estamos conseguindo valorizar a questão com o apoio de outros parlamentares. Já conseguimos um grande avanço. Na Constituinte a gente percebe que há um certo desinteresse, ignorância mesmo, da parte da maioria dos parlamentares em relação à questão ecológica. Isso — vejam só! — tem até contribuído para a aceitação de algumas emendas em defesa do verde, do meio ambiente.

Há ignorância também em relação à questão nuclear?

Fábio — Estamos tentando uma emenda nessa área. Estamos tentando proibir o artefato bélico nuclear. O assunto é complicado. Por isso mesmo, aliás, acho necessária uma mobilização da sociedade civil.

O meio ambiente...

Fábio — No capítulo referente ao meio ambiente, a primeira consideração é o direito ao meio ambiente sadio e equilibrado como um direito de cidadania. O que significa isso? Significa que todos os mecanismos que existem no texto constitucional para proteger os direitos de cidadania são colocados à disposição de qualquer cidadão que tenha violado o direito básico, ou seja, que tenha violado o meio ambiente sadio e equilibrado. Na Constituinte, até agora conseguimos garantir a preservação da diversidade genética do País. Esse é um tema moderno e desatualizado, por enquanto.

Gabeira — Não é importante no momento, mas no futuro será.

Fábio — No futuro será, sem dúvida.

Há falta de esclarecimento, em relação ao meio ambiente?

Fábio — Há. E de certa forma eu culpo a imprensa. A imprensa brasileira parece que ainda não acordou para a importância da questão, ainda não entendeu a abrangência do tema. A imprensa põe em discussão vários temas da Constituinte, como sistema de governo e mandato de

Sarney, mas não põe em discussão a questão ecológica.

O Estado põe. É isso que estamos discutindo agora.

Dagomir — A destruição da Natureza em nosso país vai acabar entrando no livro dos recordes. O Brasil hoje é campeão de desmatamento no mundo. Esse é mais um triste recorde.

Cláudio — Aqui, a cada hora, são destruídas cem mil árvores.

Dagomir — Os satélites estão fotografando manchas que crescem a cada ano na Amazônia, no Acre etc. Os aviões já nem conseguem pousar em muitos aeroportos da região amazônica. E sabem por quê? Por causa da fumaça, das queimadas, da destruição indiscriminada na região. E esse não é mais um problema exótico do Brasil, é um problema realmente muito sério e que atinge direta e indiretamente a todos nós. E Cubatão? Cubatão continua sendo para o mundo a cidade-símbolo da poluição. Isso deveria envergonhar o Brasil, não? O Brasil não ganha a Copa, mas ganha o primeiro lugar na matacanga absurda de animais. A cada ano, por exemplo, são mortos cerca de cinco milhões de jacarés. O Brasil também promove o maior e mais cruel espetáculo do mundo: a "farra do boi".

Cláudio — E esses são apenas alguns dados que conhecemos.

Dagomir — Pois é. A gente conhece por cima. Podem dizer que essa história de "farra do boi" é bobagem. Não é. Acho falta de consciência torturar um animal antes de matá-lo.

Cláudio — É uma judiação o que fazem com o boi.

Dagomir — As vezes é como se estivéssemos em plena Idade Média.

Fábio — Sobre a "farra do boi", eu gostaria de falar de algumas dificuldades que encontramos na Constituinte. Pusemos no esboço da Constituição um dispositivo que veda a crueldade com os animais. O que aconteceu? O assunto acabou sendo tratado de forma folclórica, inclusive pela imprensa. O dispositivo diz que, antes do abate, o animal deve ser atordoado para não sofrer. De repente, você descobre que dispositivo idêntico já consta da Constituição suíça. Aqui o assunto é folclórico. No máximo, dizem que o tema deve ser encaminhado à Lei Ordinária. Uma bobagem, no fundo, porque o critério para o encaminhamento disso é eminentemente político.

Já a questão nuclear...

Fábio — O acidente de Goiânia alcançou grande repercussão, de certa forma foi muito importante para a nossa luta em defesa do meio ambiente. Depois do acidente, voltei à Constituinte para defender uma emenda popular contra a bomba atômica no programa nuclear brasileiro. Surpresa: ninguém me deixou falar. Disseram que o assunto é de competência da União. As lideranças se reuniram e me disseram: "Você não pode falar sobre isso, esse não é o momento para falar a respeito da questão nuclear", entende? Quer dizer, o assunto é delicado e aparentemente não sensibiliza os constituintes. Por quê? Aqui também culpo a imprensa, que deveria ter noticiado a omissão de discussão em torno da proibição da fabricação da bomba atômica. Era de se imaginar que a questão nuclear, depois do acidente de Goiânia, provocasse uma grande discussão: nós de um lado e a Comissão de Energia Nuclear do outro. Mas isso não aconteceu, infelizmente.

Cláudio — Um paradoxo: criamos uma consciência ambientalista, mas não conseguimos mobilizar as pessoas em torno da questão nuclear. Um problema, não é? A gente fala dos recordes na matacanga de animais, da necessidade de acabar com isso, mas não discutimos a fundo a questão nuclear, que é uma questão muito maior.

Uma informação: Cláudio Noschese é presidente da Associação Brasileira de Caça.

Cláudio — Por acaso, por mero acidente (risos). Se se repete o óbvio um milhão de vezes, o óbvio se esvaízia. Quando se diz à exaustão que os animais estão em extinção o assunto acaba por se esvaízar.

Dagomir — Você diz que esvaízia, mas quem sabe disso?

Cláudio — A Natureza não sabe, nós sabemos.

Dagomir — Estou me referindo aos leitores do jornal. Será que os leitores do Estado, por exemplo, sabiam que somos recordistas na matacanga de jacarés? Os leitores sabem da vida de Newton Cardoso, de Sarney e de outros políticos, mas não sabem que o meio ambiente está sendo destruído, que os animais estão em extinção, que a nossa vida cada vez mais está pior. Isso é terrível.

Cláudio — Em parte concordo. Gabeira tem falado muito em alternativa. Precisamos de soluções, mas ficamos apenas discutindo, teorizando. Então, pergunto: como compatibilizar uma alternativa de sociedade com o atual sistema vigente sem criar uma ilusão fictícia de uma alternativa que jamais chegará a resolver os problemas emergentes? Essa é uma das minhas maiores preocupações. Gostaria que Gabeira falasse um pouco a respeito disso.

Gabeira — A questão é vital, mas antes gostaria de voltar um pouco atrás e falar da Constituinte. Eu acho que a Constituinte está refletindo o Brasil. A Constituinte é um espelho do Brasil atual. Um espelho opaco, é verdade. A Constituinte está refletindo um Brasil doente. Quando a imprensa trata da questão



Gabeira: "A preservação do meio ambiente não prejudica o capitalismo. Abre uma saída, desenvolvendo o setor voltado para a qualidade de vida, os equipamentos de preservação do meio."



Fábio: "Precisamos oxigenar a sociedade brasileira. Mas na Constituinte há desinteresse, até ignorância, em relação à ecologia. Depois do acidente de Goiânia, quis discutir o assunto: não me deixaram falar."



Cláudio: "O Partido Verde precisa 'pegar' aqui no Brasil. A Natureza não espera a destruição, mas o processo de destruição avança num ritmo muito rápido. É preciso detê-lo."



Dagomir: "O pensamento político tradicional entrou em colapso. O jogo do poder no mundo, no Brasil, é viciado, corrupto. Ou nos unimos na defesa da ecologia ou sequer chegaremos ao ano 2000."

dos quatro ou cinco anos para Sarney, trata, no meu entender, de uma coisa vital que é a poluição espiritual que existe na Constituinte. Quando se partiu para a defesa dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney, se partiu também para um processo de corrupção intenso, desenfreado, com empregos aqui e ali, verbas, estações de FM etc. Esse é realmente um processo perigoso. O que se pode esperar de uma Constituinte desmoralizada, corrompida? É difícil esperar coisa boa. Os brasileiros são profundamente comprometidos com o roubo. Como assim? Muda-se uma situação, mudam-se os ladrões. E o povo compactua, dizendo: "Ah, se eu estivesse lá, eu também roubava". Ou então: "Ah, esse aí rouba, mas faz". Quer dizer, existe uma certa tolerância da sociedade brasileira em relação à corrupção. Precisamos de mais que simplesmente uma eleição. Precisamos promover mudanças profundas. Se não houver uma mudança realmente cultural no Brasil, não haverá mais nada. A nossa situação, a situação do Brasil é muito séria. A Constituinte,

por exemplo, é capaz de se omitir completamente sobre o acidente nuclear de Goiânia.

Interessante isso. Parece que estamos correndo o risco de a Constituinte institucionalizar a corrupção no País. É isso, Gabeira?

Gabeira — Claro. Se os parlamentares aproveitarem de fato um mandato de cinco anos para Sarney, nada impede que se ponha em suspensão todas as outras questões desenvolvidas e votadas. Se os cinco anos forem aprovados, nós vamos partir para a desobediência civil. É o único caminho. Nós fomos traídos em 84 e tudo indica que seremos novamente traídos agora, com a aprovação dos cinco anos. Quarta-feira passada, falando com Jair Meneguelli, eu soube: no dia 4 de fevereiro o PT vai fazer uma grande manifestação em Brasília e abraçar literalmente o Congresso. Claro, essa é uma atitude audaciosa, quer abraçar uma coisa que se quer preservar. A população talvez não queira preservar isso, e talvez não entenda a manifestação que se está querendo promover em Brasília.

Agora se se soltasse 200 bois lá dentro, no Congresso, a população iria entender, se identificar até com a coisa; iria entender simbolicamente o que se queria dizer. A população entende hoje que foi traída pelo governo e que está sendo traída diariamente pelos políticos profissionais.

É como se traído pela mulher amada e depois, como se nada houvesse ocorrido, voltar dengoso aos braços dela, não é?

Gabeira — Correto. Entendo que uma solução para a questão ecológica, no Brasil, não está dissociada de uma solução para a questão econômica, para a questão política e para a questão moral. Nós temos que mudar o Brasil profundamente. É preciso que o Brasil se regenere. Não basta esperar um novo piloto, é preciso mudar, atear o avião. Não estamos em boa rota. É preciso uma mudança muito grande, radical mesmo, inclusive a partir de nós próprios. Para fazer mudanças, precisamos mudar. A nossa responsabilidade será imensa, nesse processo.

Isso é política. Como, então, levar essa consciência política às pessoas, ao povo?

Gabeira — O processo de tomada de consciência avança num ritmo artesanal. Cláudio há pouco colocou aqui um problema realmente sério: a Natureza não espera a destruição, mas o processo de destruição avança num ritmo industrial muito grande. É preciso fazer alguma coisa para acabar isso, essa destruição. A destruição corre num ritmo muito rápido.

É o trem-bala da história.

Gabeira — É. Um dado fundamental é que a crise se agrava muito. Com o agravamento da crise, surge o aumento de consciência. Chernobyl, por exemplo, levou as pessoas a pensar sobre a questão nuclear. Repercutiu no Brasil. Os moradores de Angra dos Reis protestaram. O acidente de Goiânia também provocou um crescimento de consciência entre a população brasileira, especialmente entre a população de Goiânia. Os goianos sentiram a falsidade nas informações do governo, da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Hoje os goianos, os brasileiros, sabem que o governo manipula dados, informações. Isso já é alguma coisa. Essa tomada de consciência tende a aumentar. E isso o que esperamos. Então eu acho que, na medida em que a crise se agrava, o nível de consciência também aumenta. Mas nós precisamos apresentar soluções que não sejam, no momento, muito profundas, revolucionárias. Por quê? Porque não temos ainda o amadurecimento necessário. Por outro lado, entendo que a preservação do meio ambiente não fere, não atinge profundamente o capitalismo, pelo contrário: aprofunda o capitalismo, abre uma saída para ele. Como? Simples: é desenvolvendo o setor do capitalismo voltado para a qualidade de vida — os filtros, a recuperação dos rios, os equipamentos destinados a preservar de fato o meio ambiente.

Cláudio — Eles podem ganhar muito dinheiro com isso.

Gabeira — Claro, muito dinheiro. Esse setor do capitalismo é um setor que precisa entrar em cena. No Canadá, por exemplo, os capitalistas adquiriram uma ótima técnica de recuperação de lagos. O Tâmsa foi recuperado a ponto de voltar a ter peixes. Quer dizer, há técnica até para a recuperação de lagos, rios. Por que não trazer essa técnica para o Brasil? Há outro aspecto que considero fundamental. Não haverá mudanças em nosso país se não conseguirmos estabelecer uma consciência de que a devastação ecológica, em relação ao Primeiro Mundo, tem raízes muito profundas. No Primeiro Mundo, é claro. O madeireiro chega na Amazônia e acaba com tudo, derruba as árvores, mata os animais. Alguma coisa precisa ser feita, inclusive porque isso está muito ligado ao padrão de vida dos países desenvolvidos. As indústrias japonesas estão lá na Amazônia. Então o consumo de madeira, no Primeiro Mundo, está ligado à destruição do meio ambiente. Os hamburgueses dos americanos estão ligados à criação de pastagem, porque grande parte dessa destruição visa à criação de pastagem. Quer dizer, precisamos também criar uma consciência internacional. Não podemos dissociar questões importantes, como a dívida externa, da preservação do meio ambiente. Parte da dívida externa brasileira deveria ser destinada ao investimento da preservação da Amazônia, por exemplo, como alguns países, e aí cite-se a Bolívia, exigiram e conseguiram isso dos Estados Unidos. Temos de criar uma nova ótica para o pagamento da dívida externa. Quer dizer, temos de vincular o pagamento da dívida à questão ecológica. Por que não?

Cláudio — Isso seria lúcido, seria correto.

Gabeira — O fato é que ainda não existe no Brasil uma política de regeneração nacional profunda. O que existe é uma política do dia-a-dia, uma política do "toca o barco". Nós estamos vivendo uma situação circular: as elites se corrompem e a população se desinteressa. E quanto mais as elites ficam à vontade para se corromperem. Precisamos romper o círculo. Muito bem. Como pôr em prática essas ideias, essa que poderia ser uma forma nova de se fazer política no Brasil? Como romper as estruturas arcaicas. O que fazer, qual o caminho?

Gabeira — Sim. São muitas as dificuldades de se fazer política. Lula e Brizola vão a um comício e pedem para o povo votar neles. Dizem que são a salvação da Pátria. Ora, o processo de salvação é muito mais amplo, mais complexo. Nós, os "verdes", vamos ao comício e dizer: "Olha, gente, vote neles, mas eles não são a salvação de nada", entende? Não basta trocar o presidente da República. Esse tipo de mudança não resolve nada. O processo de transformação tem de ser profundo. É preciso fazer política de bloco, mas para que haja bons resultados é preciso também que haja transformação no indivíduo, nos brasileiros. "Alá só ajuda a quem ajuda a si próprio", dizem os palestinos. Se os brasileiros compreendessem isso...

No Brasil, há um ditado popular parecido: "Deus ajuda..."

Cláudio — a quem cedo madruga?

Fábio — Ainda com relação à Constituinte: Gabeira tem razão quando diz que não dá para esperar grandes coisas dos constituintes, que estão se vendendo ao governo por muito pouco.

Gabeira — O deputado Roberto Jefferson do Rio, recebeu de presente de Sarney a concessão de uma emissora de rádio FM e logo passou adiante pela bagatela de 60 mil dólares.

Gabeira — A transformação do Brasil não será feita apenas pelos "verdes". O processo de transformação do Brasil vai ser feito por um bloco de forças muito mais amplo que os "verdes". Esse bloco será formado por todos os partidos comprometidos de alguma maneira com a transformação, com a visão ecológica; ideologicamente a transformação será encampada pela Social Democracia, até aqui representada pelo PT, pelos trabalhadores. Então precisamos criar, no Brasil, uma frente que envolva os sociais-democratas, os liberais progressistas, os ecologistas e outros possíveis setores interessados no processo de regeneração do País.

A prática tem demonstrado que mudanças são difíceis, que fazer política não é coisa fácil. Nesse ponto também não evoluímos, nem os sociais-democratas a que você se refere.

Gabeira — Sim. São muitas as dificuldades de se fazer política. Lula e Brizola vão a um comício e pedem para o povo votar neles. Dizem que são a salvação da Pátria. Ora, o processo de salvação é muito mais amplo, mais complexo. Nós, os "verdes", vamos ao comício e dizer: "Olha, gente, vote neles, mas eles não são a salvação de nada", entende? Não basta trocar o presidente da República. Esse tipo de mudança não resolve nada. O processo de transformação tem de ser profundo. É preciso fazer política de bloco, mas para que haja bons resultados é preciso também que haja transformação no indivíduo, nos brasileiros. "Alá só ajuda a quem ajuda a si próprio", dizem os palestinos. Se os brasileiros compreendessem isso...

No Brasil, há um ditado popular parecido: "Deus ajuda..."

Cláudio — a quem cedo madruga?

Fábio — Ainda com relação à Constituinte: Gabeira tem razão quando diz que não dá para esperar grandes coisas dos constituintes, que estão se vendendo ao governo por muito pouco.

Gabeira — O deputado Roberto Jefferson do Rio, recebeu de presente de Sarney a concessão de uma emissora de rádio FM e logo passou adiante pela bagatela de 60 mil dólares.

Cláudio — Uma vergonha.

Dagomir — Mals uma!

Fábio — O amadurecimento político virá quando esses deputados não forem eleitos no próximo pleito.

No início desta conversa, foi dito que na Constituinte há cerca de 30 deputados comprometidos com a causa ecológica. Esses deputados, tão poucos em número, têm condições de garantir melhoria para o meio ambiente?

Fábio — No começo, só havia um deputado comprometido com a causa ecológica: eu. Hoje somos cerca de 30. A maior bancada de deputados na Constituinte é formada pelos "evangélicos": 32. Quer dizer, crescemos, evoluímos. Hoje, portanto, acho que temos de fato condições de garantir emendas em defesa do meio ambiente. Muitos deputados não conhecem Cubatão, Cananéia, Iguape, Paranaguá. Convidamos alguns desses deputados e viajamos com eles, mostrando o Brasil, conhecendo o Brasil.

Dagomir — Isso que você está fazendo é algo romântico, sonhador. No começo eu me preocupava com isso, com as pessoas lendo a minha coluna no Caderno 2 e dizendo que não passo de um romântico. Olha, mas eu acho que a destruição da camada de ozônio, por exemplo, vai atingir a todos os países, do primeiro ao terceiro mundo. Acho também que a tendência é buscar uma unidade em torno da sobrevivência do planeta. Posições de conflito devem ser cada vez mais abandonadas, em função da unidade, de um trabalho coordenado pela sobrevivência do planeta. É isso o que acho. Sim, sou um sonhador. E tem mais uma coisa: Gabeira é o meu candidato à Presidência da República. Por outro lado, acho que a ecologia não deve ser identificada ou misturada com a luta de classes. Um dia vamos brigar com a Argentina, com a bomba atômica...

Gabeira — Acabo de publicar um livro mostrando que, ao contrário dos poetas, sonhadores são os físicos nucleares. Eles se distanciaram do acidente de Goiânia, da questão nuclear. Os físicos acham que um desastre nuclear é apenas material. E as questões sociais, políticas e psicológicas resultantes do acidente não contam? Em defesa do seu trabalho, eles acabam escondendo verdades e a precariedade da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Na verdade, eles não têm uma visão da realidade de um desastre nuclear. Acham que a única realidade existente é a realidade material. Tenho pena desse tipo de gente. As pessoas que acham que a vida se resume à matéria, estão perdidas. Os físicos, na verdade, têm uma falsa visão da lógica da ciência e da razão instrumental. Não dá para levar a sério pessoas que desconfiem dos poetas.

Dagomir — Dentro disso tudo, acho importante descentralizar o poder. Descentralizar o poder, aliás, é uma maneira ecológica de ver o mundo. O que está acontecendo no Brasil é uma guerra de dinossauros: o capital contra as centrais sindicais.

Há alguma proposta concreta para mudar esse estado de coisas?

Gabeira — Sim, a nossa proposta é descentralizar e democratizar o País.